

#22

ENSINO HÍBRIDO

COM LILIAN BACICH

Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Lilian Bacich

Meu nome é Lilian Bacich, sou diretora da Tríade Educacional, uma empresa voltada para a formação de professores, metodologias ativas e inovação educacional. Além disso, sou coordenadora de pós-graduação e tenho atuado em uma série de cursos de formação de professores para metodologias ativas e o ensino híbrido. Sou uma das organizadoras do livro “Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação”. Tenho estudado esta temática já há algum tempo - estou na Educação há mais de 25 anos - e sempre me preocupei em entender como a gente podia ajudar os nossos alunos a aprenderem mais. Já estudei esta questão no mestrado e, no meu doutorado, para saber um pouco melhor sobre o que poderia impactar a aprendizagem dos estudantes, e acabei me dedicando ao estudo das tecnologias digitais. Sabemos que tecnologia é meio, e digital é recurso, então é preciso refletir em como a tecnologia digital impacta inserida em uma tecnologia. Mas, o que é ensino híbrido? Talvez, você conheça esta temática, uma das que mais tem sido ouvida atualmente, em todos os meios de comunicação, nos pareceres do Conselho Nacional de Educação. Ouvimos muito falar que a escola deve adotar o ensino híbrido. Espero que nesta nossa conversa a gente consiga esclarecer um pouco que é de que ensino híbrido estamos falando. Será que apenas eu colocar meu aluno em contato com recurso digital eu já estou realizando uma proposta de ensino híbrido? Será que ensino híbrido é o que a gente está fazendo? Gostaria de esclarecer conceitualmente esses pontos. O que estamos realizando agora, na maioria dos estados, neste momento de pandemia, é o ensino remoto, principalmente na Educação Básica. Não estamos fazendo Educação à distância porque esta pressupõe toda uma equipe de design de um ambiente, de pessoas que criem trilhas de aprendizagem pelo digital, e grande parte dos nossos professores não tem uma formação de designer institucional. O que foi feito, logo de início, foi migrar as aulas presenciais para o digital. O que muitos estados ainda vêm fazendo é um ensino remoto emergencial para resolver uma situação de não podermos mais frequentar a escola física.

O ensino híbrido requer a presença física dos alunos na escola. Aquelas que ainda não retomaram as aulas continuam no ensino remoto. Elas vão passar para o

ensino híbrido quando organizarem parte da aprendizagem acontecendo online, conectada com aquilo que os alunos fazem presencialmente. Falar de ensino híbrido nesta abordagem que eu venho pesquisando há algum tempo, assim como vários estudiosos, não significa, por exemplo, transmitir uma aula presencial ao vivo. Isso é uma transmissão ao vivo de uma aula síncrona. O que temos como ensino híbrido está relacionado ao que eu posso oferecer no online, por meio de recursos digitais, em que eu consiga, de alguma forma, garantir que meu aluno possa fazer no tempo e no ritmo dele, assistir várias vezes ou produzir um vídeo, uma mapa conceitual, ou alguma atividade que ele produz no digital, e que eu possa ter informações sobre o jeito que o aluno está aprendendo. Quando o meu aluno realiza uma proposta como essa, ele me oferece dados sobre o que ele aprendeu melhor, teve mais dúvidas, como se sentiu mais confortável para aprender. Há alunos que relatam: “Eu gosto muito quando o professor manda uma videoaula porque posso assistir várias vezes, pausar e fazer anotações, acelerar a gravação se eu já souber aquele conteúdo”. Então, o online oferece essa possibilidade de o aluno dosar o tempo, o ritmo, o local em que ele vai aprender. E aí, na minha relação presencial com os alunos, eu uso essas informações para impactar a aprendizagem deles, para promover um debate, uma argumentação, para realizar a correção de uma atividade, trabalhando com eles a partir daquilo que eu coletei do online. Quando consigo fazer essa composição eu, realmente, estou trabalhando com o ensino híbrido. Quando consigo combinar o offline presencial com o online, que é o que ele faz antecipadamente ou, até mesmo, durante a minha aula, eu penso no ensino híbrido. Porque eu consigo pensar em usar as informações para personalizar. Nesta concepção em que a gente trabalha, personalizar não é simplesmente entregar uma aula para cada aluno, mas entender quais as diferentes formas de aprender e como elas podem impactar, ainda melhor, a aprendizagem.

Temos muitos desafios e os principais deles estão relacionados ao acesso à internet, à conexão, ao wi-fi, a equipamentos. Sabemos que existe uma grande desigualdade entre os estudantes do nosso país - alguns têm acesso, outros passaram um período grande sem acesso - e talvez, mesmo no retorno, haja dificuldade em fazer esse híbrido da maneira que estou dizendo. Nas escolas públicas, principalmente, tenho estado muito próxima de algumas redes e debatido a importância em dar esse acesso ao aluno quando ele voltar para a escola. Muitas têm um laboratório de informática, alguma forma de estabelecer o desenvolvimento desta cultura digital do aluno dentro da escola; e a cultura digital é uma das competências da BNCC [Base Nacional Comum Curricular]. Então, esse desafio pode ser suprido no retorno das aulas.

As principais vantagens do ensino híbrido estão relacionadas com essa percepção que o professor pode ter das diferentes formas de aprender, e pelo fato de ele poder organizar experiências de aprendizagem que atendam a todos os seus alunos. A mesma aula, oferecida da mesma forma para todo mundo, não

considera que os alunos aprendem de jeitos diferentes, e que temos que variar as experiências de aprendizagem, para mim, e para minha própria tese do doutorado, é a maior vantagem do ensino híbrido. Os professores que vivenciaram a experiência relatam que se sentem muito mais recompensados, pelo fato de perceber que eles conseguem atender a todos os alunos quando eles utilizam propostas que envolvem o ensino híbrido. Veja que ele já era uma realidade antes da pandemia. A minha pesquisa no doutorado teve início a partir de experimentações desenhadas com o Instituto Península e a Fundação Lemann, em 2014, quando as práticas começaram a ser implantadas aqui no Brasil. E já era uma realidade, em escolas públicas - municipais e estaduais - no Rio de Janeiro e interior de São Paulo, que vinham utilizando essa proposta. Só que acontecia dentro do espaço da escola, utilizando laboratório de informática, recursos digitais e intercalando essas experiências. Os alunos seguiam o modelo que a gente chama 'laboratório rotacional', realizavam as tarefas, e os dados eram utilizados pelo professor na sala de aula. O modelo de rotação por estações também era muito adotado, os alunos realizavam atividades diversas e o professor podia estar com um grupo menor de alunos, entendendo melhor o que eles aprendiam. Acredito que no pós-pandemia teremos professores muito mais capacitados porque, esse ano, trouxe para a gente uma formação na urgência de ter que aprender, fazer acontecer esse ensino remoto. Os professores tiveram uma curva exponencial, aprenderam muito, em pouco tempo.

Para implementar o ensino híbrido precisamos que os professores tenham o conhecimento de recursos digitais, comecem a adotar essas propostas, quando todos estiverem em sala de aula no próximo ano, utilizando esse meio como uma forma de engajar mais o aluno, e que, a partir daí, eles comecem a analisar o impacto na aprendizagem do aluno. Minha principal dica é essa: Professor, experimente, tente empregar esses recursos, varie as estratégias nas salas de aula. Convido vocês a conhecerem o meu blog, lilianbacich.com. Tenho publicado muitos materiais que podem ajudar os professores a se aproximarem ainda mais desses conceitos. Comecem a experimentar, mas, principalmente, comecem a ouvir os seus alunos. Temos experiências de professores que começam a utilizar essas propostas em sala de aula, e os alunos começam a cobrar dos outros professores da escola e dizem: "Nossa! Todo mundo está usando esses recursos mais inovadores"! Então, experimente utilizar, acompanhe o desempenho e o impacto na aprendizagem de seus alunos e ouça as impressões deles. De que maneira conseguimos envolver a comunidade escolar? Podemos testar em sala de aula, mostrar esse impacto, mas é importante que tenhamos também a família junto com a gente. Uma das formas mais eficientes de envolver a comunidade escolar é a escola fazer o papel dela expandido, não só ajudando a formar os estudantes, mas, também, ajudando a formar as famílias. Levá-las para as reuniões de pais e deixar que vivenciem essa experiência. Certamente, vamos perceber que as famílias também percebem que elas aprenderam. Considero que a gente tem, realmente, um legado desse momento que estamos vivendo hoje. E o

maior desse legado é pensar que não dá para entender que um modelo que já está há muito tempo fracassado na Educação, que é expositivo, deixa um aluno passivo, que só o professor fala e é o detentor do conhecimento. E que este seja um modelo que vá formar estudantes, cidadãos que desenvolvam um pensamento crítico, a colaboração, a criatividade, a resolução de problemas e que estejam aptos a viver nesta sociedade do século XXI, que está aí batendo à nossa porta e cada vez mais exigindo das pessoas a possibilidade de lidar com muitos desafios. E as tecnologias digitais se mostram hoje como um excelente meio de conseguirmos resolver muitos problemas. Que a gente se mostre cada vez mais aberto para aprender por meio de recursos digitais, e para fazer o digital de uma forma muito positiva para impactar a Educação. Espero ter contribuído com essas reflexões, e que a gente, realmente, acredite no potencial da tecnologia para crescermos enquanto sociedade.